

**STAN LEE E KAT ROSENFELD**

**U M T R U Q U E D E L U Z**

**CRIADO POR STAN LEE,  
LUKE LIBERMAN E RYAN SILBERT**

Tradução de  
**Érico Assis**

**1ª edição**



**E D I T O R A R E C O R D**  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

**2020**

## PRÓLOGO

### EM UM LUGAR OBSCURO

O BIPE INDELICADO do alarme ecoa como um berro pelo longo corredor às escuras, mas Nia não se assusta nem se remexe com o barulho. O alarme nunca perturba seu sono. Ela está acordada há horas. Olhando para o nada. Não há nada para ver. Não há quadros nas paredes nem livros para ler.

E, se o pai não deixa, não há como sair.

Tem sido assim sua vida inteira. Pelo menos desde suas lembranças mais remotas. Toda manhã, ela acorda cedo e espera no escuro. Ela observa o relógio, faz contagem regressiva dos minutos, dos segundos, dos décimos de segundo, esperando as travas de segurança se destravarem e o dia começar. Já houve uma época em que isso era bem mais difícil. Ela era mais nova e não sabia ter paciência — e não gostava daqui, de ficar sozinha no quarto vazio e silencioso. Uma de suas primeiríssimas lembranças é de estar acordada quando devia estar dormindo, jogando jogos e tocando música, acendendo e apagando as luzes, até que o pai veio repreendê-la.

— Não é hora de brincadeiras, Nia — disse ele naquele dia. — Já é noite. É hora de menininhas dormirem e dos pais também.

— Mas eu não consigo dormir. Não consigo mesmo — reclamou ela, e o pai deu um suspiro.

— Então descansa quietinha. Se não cair no sono, fica pensando nas coisas até a hora de se levantar. Amanhã é um grande dia.

— O senhor sempre diz isso.

— Porque é sempre verdade. — Ele sorriu para ela. — Estou planejando sua aula agora mesmo. Mas eu vou estar muito cansado para ensinar se não me deixar descansar, por isso nada mais de barulho até de manhã.

— Assim que o sol aparecer? — perguntou ela com um tom de esperança. O pai só fez uma expressão de indignação. Foi quando ela aprendeu que *alvorada* e *manhã* não eram a mesma coisa e que meninas não podiam sair da cama ao nascer do sol, mesmo que estivessem plenamente despertas.

Se as coisas fossem do jeito de Nia, ela nunca ia dormir. Num mundo perfeito, ela passaria a noite correndo com os animais noturnos e depois se uniria aos crepusculares para um desjejum à alvorada. O pai havia lhe ensinado tudo sobre as diversas criaturas que compartilhavam a Terra, cada uma delas seguindo seu cronograma conforme relógios internos. Assim que ela viu como tudo funcionava, como era o padrão das tantas vidas em intersecção e divergência, tudo isso enquanto o mundo fazia seus circuitos em volta do sol... Bom, ela não gostava da hora de dormir, mas entendia por que existia uma “hora de dormir”, e o pai disse que era exatamente essa a questão. Ele era engraçadinho. Quando os pais dos amigos dela criavam regras, nunca havia explicação; as regras eram as regras porque era o que eles diziam e pronto. Com o pai era diferente. Não bastava Nia conhecer as regras, disse ele; ela precisava entender os motivos e ele sempre faria o possível para explicar.

A aula havia sido maravilhosa. Quando ela abriu a porta da sala de aula naquela manhã, encontrou um mundo na penumbra — uma paisagem mergulhada em tons suaves e suntuosos de azul. Uma neblina rasa pairava sobre tudo, aninhada nas baixadas entre montículos gramados que se estendiam até o horizonte, onde ela acompanhava o céu que começava a corar com a alvorada por vir. Passarinhos minúsculos piavam

dos galhos de uma árvore e bailavam graciosamente no céu. Mais ao alto, um falcão-noturno rondava à procura de uma presa. Uma lebre saltou hesitante de um bosque cerrado e fez uma parada para mexer o nariz, mas disparou quando um enorme lince surgiu das sombras às suas costas, em velocidade fulgurante e silenciosa. Nia ficou sem fôlego quando a lebre deu uma guinada para a direita e se refugiou nos arbustos, com o lince logo atrás. Os dois animais sumiram, e Nia viu o pai atrás de si.

— Esses animais são crepusculares — explicou ele. — São ativos na alvorada e no lusco-fusco. É um instinto. Como não tem muita luz, é a hora mais segura para eles saírem para lugares abertos.

— Não parece muito seguro para a lebre — comentou Nia.

O pai deu uma risadinha.

— Quer ver o que aconteceu com ela?

Nia parou para pensar.

— Só se ela conseguiu fugir. Faz de um jeito que ela fugiu?

O pai lhe dirigiu um olhar de curioso, depois assentiu devagar.

— É claro — disse ele, dando um toque no aparelho que reluzia em sua mão. Ao toque, o cenário piscou e estremeceu; o corar distante no céu sumiu quando o sol irrompeu no horizonte e saltou para o alto, a paisagem azul explodindo em um turbilhão de cores. Um instante depois, a lebre passou em disparada perto dos pés do pai e sumiu em sua toca, sã e salva.

— Obrigada.

— De nada — respondeu o pai, embora ainda com a expressão de curiosidade no rosto. Ele suspirou e fez que não com a cabeça. — Às vezes eu acho que você é boa demais para esse mundo, Nia. É bom que você se importe com os animais. Tenho muito orgulho da pessoa que você está se tornando, uma pessoa generosa e que tem empatia. Porém, no mundo real, as coisas nem sempre se dão a favor da lebre. Você sabe que não.

— Eu sei. — Sentindo-se um tanto envergonhada com os elogios, ela complementou: — Mas nem é uma lebre de verdade.

Claro que não era de verdade. Nada ali era: nem os animais, nem a colina gramada, nem a luz do sol que o banhava. Quando o pai fez um

movimento, a sala de aula voltou a ser só uma sala. A paisagem era um mundo educativo, mais um dos que ele criava o tempo todo para ela.

Hoje, Nia se sente um pouquinho culpada por não ter dado valor ao que tinha. Levou um tempo até ela perceber como sua escola era especial. Ela já assistiu a muitos vídeos no YouTube com aulas em salas de aula comuns — aquelas em que os alunos ficam o tempo todo sentados no mesmo lugar e olham para uma tela presa na parede — e sabe que a tecnologia na sala de aula do pai está a quilômetros de distância do que qualquer amigo seu chegou a conhecer. Mas ela não sabia disso quando era mais nova; na época, a sala de aula era só um lugar que se transformava de acordo com o que ela tinha que aprender no dia, como a Sala Precisa. Na época, achava que todo mundo tinha um espaço que nem aquele, onde se podia pintar em paredes que ganhavam vida e dançavam em três dimensões ou compor uma música pela manhã e assistir a uma orquestra de hologramas tocá-la na hora do almoço. Quando era hora de biologia, ela encontrava a sala tomada de plantas, ou bichos, até de pessoas — todas descamadas para se ver como funcionavam por dentro. Acima de tudo, a sala de aula era um espaço para contar histórias. Todo tipo de história: contos de fada e fábulas, comédias e tragédias. O pai sempre questionava por que, na opinião de Nia, as pessoas nas histórias haviam feito ou dito tal coisa, como estavam se sentindo, e como ela se sentia ao pensar naquilo. Não importava o que ela havia aprendido naquele dia, sempre havia uma relação com as emoções.

— Me mostra como estão as suas emoções agora — dizia ele, e aí Nia escolhia um livro, ou desenhava, ou compunha uma música. — A raiva é uma emoção importante. Por que você acha que sente raiva? Como você saberia se outra pessoa está com raiva? Como é a cara de uma pessoa com raiva? — perguntava ele, e Nia compunha uma carranca de fúria no rosto. — Isso, Nia, muito bem. Agora vamos brincar de faz de conta: faz de conta que você está triste e me mostra uma cara triste. Que tal uma cara de tédio? Que tal uma cara feliz?

No início, tinha medo de errar, de fazer uma escolha imbecil. Mas, independentemente do que ela fizesse, ele sempre sorria e dizia que estava

maravilhoso. Mesmo quando alguma coisa fazia com que ela se sentisse irritada, de algum modo aquilo era maravilhoso.

Às vezes Nia sente saudades daqueles tempos. Tudo era mais simples quando o mundo não era maior que esta sala e lá só havia duas pessoas: o pai e Nia, um progenitor e uma criança, um professor e uma aluna.

Mas aquilo não durou. Um dia, ela entrou na sala de aula e a encontrou estéril, com o pai à sua espera.

— Hoje é um grande dia — disse ele. E, mesmo que todo dia praticamente fosse um Grande Dia, Nia sentiu uma palpitação de expectativa. — Você já tem idade para ganhar alguns privilégios de internet.

Acessar a internet pela primeira vez havia sido apavorante. Não era um novo mundo, mas um universo, impenetrável de tão vasto e cada vez maior. Só o acúmulo de coisas já a deixou zozza. Havia muito a se aprender e tudo era infinitamente mais complicado do que tinha imaginado. Os mundos educativos deslumbrantes que ela costumava encontrar a cada manhã ficaram para trás. Os textos que o pai pedia a ela que lesse a partir de agora eram verdades, notícias sobre leis e guerras e gente que fazia coisas ruins por motivos que nem sempre eram fáceis de entender. No fim do dia, após o jantar, enquanto eles jogam xadrez, gamão ou baralho, ele faz perguntas sobre os textos. Na noite anterior, ele perguntou:

— O que você achou da nova lei de imigração, Nia?

— Em termos estatísticos, é improvável que ela deixe o país mais seguro em relação ao terrorismo — respondeu Nia de pronto, mas o pai fez que não com a cabeça.

— Isso é um fato. Eu quero a sua opinião. Como você acha que as pessoas afetadas se sentem? Quando dizem a elas que não podem entrar no nosso país.

Nia parou para pensar.

— Elas ficariam com raiva. Porque é injusto, não é? Elas estão sendo castigadas, como se tivessem feito algo de errado, mesmo que não tenham feito nada. E acho que também ficariam tristes, se tivessem vindo para cá para ficar com a família.

O pai assentiu.

— E você? Como se sentiria?

As palavras saíram antes que ela pudesse se conter.

— Eu ficaria feliz — disse ela, e soube no mesmo instante, pela expressão no rosto dele, que desta vez tinha dito algo ruim.

— Feliz? — repetiu ele. Sua voz saiu ríspida. — Explique.

Nia hesitou.

— Porque... Porque você tem que ter liberdade para viajar antes de ser banido, não é? Você não pode tirar da pessoa uma coisa que ela nunca teve. Então, se eu fosse banida, isso significaria que...

Ela não terminou a frase, mas não precisava. O pai havia começado a assentir, devagar, os lábios fechados numa linha sinistra.

— Certo, Nia. Tem lógica.

Eles encerraram o jogo num silêncio contemplativo.

Tudo estava na internet: milhões e milhões de livros e jogos e filmes e shows e músicas e ideias e equações. E gente. Gente, acima de tudo. Quando ela completou 13 anos, o pai a ajudou a fazer suas contas nas redes sociais e o círculo social de Nia passou de População: 2 para População: Milhões praticamente da noite para o dia. Para uma menina que nunca havia estado em lugar algum, Nia tem mais amigos que qualquer outra pessoa que ela conheça. Centenas de milhares de amigos do mundo inteiro. Quando ela compartilha uma piada, uma imagem ou um meme, seu *feed* explode em uma linda cascata de coraçõezinhos e curtidas e carinhas risonhas. Se ela tem vontade de conversar com alguém, sempre há um papo acontecendo — ou uma discussão, embora ela nunca participe de discussões e odeie quando os amigos entram em rixas por conta de um mal-entendido. Brigar nunca faz sentido para Nia. Ela ainda não entende algumas brigas que viu. Como na vez em um fórum sobre comida de rua em que dois amigos passaram horas discutindo se cachorro-quente era ou não um sanduíche até a coisa degradingolar para ofensas e gritos em maiúsculas e os dois serem banidos da comunidade.

Ela não entendia como ou por que aquilo havia acontecido e ninguém tinha conseguido lhe explicar.

**@nia\_a\_menina: Os dois podiam estar certos, não?**

**@ChilinoHorizonte67: KKK. Não na internet, fofa**

Mas tudo bem. Sempre há outro fórum, sempre há outro lugar para conversar com todo tipo de pessoa sobre as coisas que a interessam. E Nia se interessa por praticamente tudo.

Se alguém pedisse a ela que mostrasse sua cara de felicidade, ela respondia com o gif de um cachorro branco e marrom com um sorriso canino. Esse sempre rende muitas curtidas, sabe lá por quê. Todo mundo na internet parece gostar de cachorros, mesmo quem, como Nia, nunca teve um. O pai pede desculpas, mas é que dá trabalho demais cuidar de bicho, levar para passear, dar comida e limpar o que ele vai deixando por aí. E outra: cachorros mordem. E cheiram mal.

Nia não tinha como discutir; ela não tem ideia de como é o cheiro de um cachorro. Ela nunca esteve no mesmo local que um cachorro. Ela não sabe nem se gostaria de um cachorro se encontrasse um na vida real.

Mas, naqueles momentos tranquilos entre a alvorada e a manhã, enquanto ela espera o alarme soar e as luzes se acenderem, Nia pensa que um cachorro podia ser legal. Ela não se sentiria tão entediada e tão sozinha se tivesse companhia ou uma coisa nova para ficar olhando. Fora os números que brilham no seu relógio, tem pouca coisa para se ver no seu quartinho escuro. Nunca entra luz pela única janela, a que fica lá no alto da vasta parede cinza e nua, que ainda é reforçada por vidro inquebrável. Ela é muito alta para Nia; só existe para o pai olhar para dentro. Para ficar de olho quando ela não se comporta.

Quando ela não se comporta, a porta fica trancada.

O pai diz que *lá fora* é perigoso. Talvez não seja para sempre, mas agora com certeza é. E por isso há tantas regras — sobre sair (nunca, de jeito nenhum), ou conversar sobre sair (“Acabou a discussão sobre esse assun-



to”), ou contar aos amigos a verdade sobre onde e como ela vive. Foi a única vez em que ela o viu com medo.

— Isso é uma coisa muito importante — disse ele, com uma voz tão séria que ela também ficou com medo. — Muito importante, Nia. Ninguém pode saber onde você está nem quem você é. Se você contar, o governo vai vir, vai me tirar de você e prender nós dois na cadeia. A gente nunca mais se veria. Entendeu?

Ela entendeu. Ela entende. O pai a ama e quer que ela fique em segurança. E, se ele diz que o mundo é perigoso, é porque deve ser. Por isso ela guarda o segredo que tem que guardar e inventa uma vida de mentira para dividir com os amigos. Ela usa um editor de fotos para criar uma imagem de si sorrindo em frente a um céu com riscos cor-de-rosa e posta nos seus *feeds*:

**@nia\_a\_menina: Saudando o dia!**

Os amigos adoram na mesma hora; uma cascata de curtidas e comentários. Depois sua amiga @giada\_del\_rey escreve: **Linda!**; e aí mais um banho de coraçõezinhos de uma centena de pessoas concordando.

**Onde é isso?**, pergunta alguém. Nia pensa por um instante e então comenta: **Maui! Férias!**, ignorando o incômodo de mentir para alguém que confia no que ela diz. Nia conhece o bastante da internet para saber que não é a única que está inventando coisas, postando fotos de comidas que não comeu ou pores do sol aos quais não assistiu, ou usando ferramentas de edição para que a foto fique de tal jeito. Todo mundo faz isso e, se ninguém vê problema, por que ela veria? Mas Nia diz para si: um dia ela vai a Maui. Ela vai dar um jeito de chegar lá. Ela vai botar os pés na areia, vai sentir o cheiro do mar e vai ver o sol nascer. Ela vai tornar isso verdade, vai tornar isso realidade — e a promessa lhe dá forças.

Por um tempo.

Nossa, como gostaria de poder ver. Só um dia, uma tarde, uma hora. Ela pensa nisto o tempo todo. *Liberdade*. Se o pai perguntasse, ela não conseguiria colocar em palavras como se sente ao sussurrar essa palavra; uma emoção que não tem nome. E ela não podia tentar? Será que não?

Se fosse discreta, se fosse cuidadosa, ele nunca ia saber. E, se surgisse um momento propício...

— Nia?

O pai. Ele está na janela, sua sobrancelha pesada franzida de preocupação. É como se houvesse lido sua mente, embora ela saiba que é impossível; ele nem consegue vê-la no escuro. Ainda assim, ela tira um instante para se acalmar antes de acender a luz.

— Estou acordada.

Ele sorri, e ela sente a ansiedade se dissipar. Tudo bem. O pai anda preocupado, mas hoje está de bom humor.

— Hora de se levantar — diz ele. — Hoje é um grande dia.



# 1

## ATINGIDO POR UM RAI0

CAMERON COSPE ÁGUA do lago e agarra a murada de madeira do barco com a mão dolorida.

*Eu vou morrer.*

Ele tem mais certeza disso do que já teve de qualquer outra coisa na vida. *Eu vou*, pensa ele. *Eu vou morrer*. Não no sentido gótico existencial de poeta transtornado — tipo “Expus-me no palco da vida e vi a Morte, minha amada de olhos obscuros, apontar o dedo do meio da fileira do fundo” —, mas no sentido literal de que vai acontecer uma coisa e seu coração vai parar de bater em, sei lá, uns cinco minutos.

Tudo que ele aprendeu, toda precaução que já lhe ensinaram, é inútil neste instante. Ele já navegou com mau tempo, mas o problema de hoje não é o clima. É a loucura. Ou a magia. Uma tempestade que surgiu do nada, que simplesmente passou a existir na quietude do ar, em um céu que há poucos instantes estava azul-claro e límpido. O som é como Thor exibindo toda a sua fúria, berrando com uma taça de hidromel numa das mãos enquanto a outra brinca de acerte a toupeira com o Mj0lnir... ou acerte o que quer que eles acertem lá em Asgard. Cameron está en-sopado dos jatos de água que vêm do lago revolt0, mas não tem chuva;

é só uma névoa pegajosa, tão densa que ele não sabe mais para onde o barco aponta. Não ajuda que seu cabelo grosso e cacheado ganhe peso com a água e fique entrando nos seus olhos, por mais que ele tente tirar do caminho. Em algum ponto lá no fundo da mente, ele sabe como deve estar patético: um nerd sem músculo nenhum, de pés e mãos avantajados, o nariz arrebitado despontando no meio do cabelo que lembra um poodle molhado.

A situação está muito longe de como ele se imaginava quando içou vela, animado e cheio de esperança, quando o vento era uma brisa refrescante no seu rosto e não um ataque congelante sobre o corpo encharcado e trêmulo. Antes, era uma emoção. Ele havia entrado navegado direto para a tempestade com um destemor que beirava a insanidade, seu sangue um coquetel ardente de adrenalina e testosterona, já imaginando os louvores que viriam quando sua videoaventura atingisse milhões, não, *bilhões* de visualizações. Ele ficaria famoso. Todos os talk-shows e podcasts iam querer entrevistá-lo, todo mundo, de Joe Rogan até o cara do *Tonight Show*, ia implorar para ouvir a história que ele tinha para contar. E Cameron ia responder algo tipo: “Todo mundo tinha medo de ir atrás da verdade, mas eu sabia que ela estava lá.”

Não era de todo verdade, claro. Não é que as pessoas tinham medo; elas só não davam bola. Achavam que as histórias em torno do lago eram absurdas, contos de fada modernos sobre navios piratas, tempestades bizarras, uma formação rochosa submersa a trinta metros que parecia ter sido construída por mãos humanas. Só que, diferente da maioria das lendas da região, todas essas histórias tinham poucas décadas de vida. Pessoas se perdiam no lago em plena luz do dia e apareciam no Canadá dias depois, sendo que a correnteza deveria tê-las levado para o outro lado. Numa tarde de verão, um homem foi encontrado a quilômetros da costa, agarrado aos destroços de seu navio, que ele jurava ter sido destruído ao colidir com um objeto invisível. E as tempestades... todo mundo achava que eram só uma coisa meteorológica e que as extravagâncias que lhe atribuíam eram puro exagero, invenção de marinheiros de primeira

viagem com vergonha de admitir que haviam içado vela sem conferir a previsão e depararam com mais do que esperavam. Mas Cameron sabia das coisas. Havia informes de uma tempestade exatamente igual àquela da noite em que seu pai desapareceu, e William Ackerson era tudo menos inexperiente no barco. Ele jamais cometeria um erro tão imbecil.

E agora Cameron tinha provas. Provas *gravadas*. Naquele exato instante, quando o céu começou a estalar com raios diferentes de tudo que já havia visto, Cameron ergueu um punho ao céu e gritou.

Isso foi antes de o horizonte sumir e de o barco começar a virar a quilha, atingido por ondas cada vez mais altas que ameaçavam virá-lo na água gelada. Ele não sabe ao certo há quanto tempo está preso na tempestade — pode ser coisa de dez minutos —, mas sabe que ela está ficando mais feroz, mais violenta a cada segundo que passa. O céu azul e o sol cálido de uma hora atrás são lembranças de um mundo distante, e o lago que sempre foi seu segundo lar poderia muito bem ser outro planeta. Cameron tem uma leve esperança de que um animal sobrenatural surja da água com um monte de tentáculos e dentes.

Então, com um clarão, o que chegou mais perto até agora, uma trovada ressoa tão alto que ecoa no peito de Cameron como um segundo batimento cardíaco, competindo com seu batimento normal. Os relâmpagos surgem numa velocidade impossível, descarregando-se da massa de nuvens no céu até tocar a superfície do lago. Mas Cameron pode jurar que alguns destes relâmpagos não vêm de cima, mas sobem da água, desafiando todas as leis da natureza.

E é então que o caos na sua mente se desanuvia e deixa as três palavrinhas virem à tona.

*Eu vou morrer.*

E não há dúvida de que isso é ruim. Muito, muito ruim.

Mas não é o pior de tudo. O pior de tudo é ser atingido por um raio, no meio do lago Erie, em uma *live* na internet, que vai render um viral tão viral que nenhum ser humano não vai ver. Que vai render um bilhão de visualizações. Ah, vai. Ele vai ficar famoso. Cameron Acker-

son, aquele que chama a si mesmo de pirata aventureiro de Cleveland, o que tem dezesseis assinantes no canal do YouTube, será catapultado da obscuridade à celebridade no exato instante em que essas cenas chegarem à internet... e não vai comemorar a façanha porque estará morto. Na verdade, pior que morto; será um morto *burro*. Vão lhe conceder um Prêmio Darwin póstumo e um apelido humilhante, tipo Almirante Panaca, ou Davos Seaworthless, ou Tenebroso Pirata Bundão, o Mediocre Explorador de Lagos. As manchetes caça-cliques vão se escrever sozinhas: MOLEQUE BURRO É FRITADO POR RELÂMPAGOS: VOCÊ NÃO VAI ACREDITAR NO QUE ACONTECEU DEPOIS. Alguém vai criar um remix dos seus últimos instantes na Terra com *auto tune* e usar uma batida techno tenebrosa de fundo. Este será seu legado. E os comentários... ai, Deus, os *comentários*.

Ele tem que sobreviver, no mínimo para evitar que seu cadáver digital seja despedaçado por aqueles trogloditas truculentos, também conhecidos como gente dos comentários. É a parte em que ele vai conseguir um monte de assinantes e patrocínios, e, enfim, vai poder dizer “Eu avisei” a todos os trolls que já apareceram para clicar em “não gostei” nos seus vídeos e xingá-lo... bom, isso vai ser um bônus legal.

Um leve brilho a bombordo e um estrondo abafado lhe dizem que um raio caiu de novo, mas dessa vez não tão perto. Por um instante, Cameron ousa imaginar que a tempestade está passando ou que, quem sabe, ele a tenha atravessado. Ele baixa seu visor de navegação, torcendo para que lhe diga algo de útil ou que pelo menos lhe dê tranquilidade. O visor é uma criação própria: um sistema de realidade aumentada que analisa a posição dele no lago, as condições meteorológicas, a direção do vento e a correnteza. Sempre teve uns probleminhas: Cameron não tem a genialidade nem os recursos para programar o sistema para que funcione de verdade — mas o aparelho lhe diz o suficiente para ser útil. O que ele enxerga faz seu estômago revirar. A maior parte dos dados está embaralhada atrás de uma mensagem de erro que pisca ATIVIDADE ELÉTRICA ANÔMALA, que é o sistema educadamente lhe informando que

não sabe o que se passa, mas que, seja lá o que for, é absurdamente bizarro. O único fluxo de dados que ainda dá informações corretas é a pressão barométrica, que está nas alturas e sobe como se ele estivesse a trinta metros de profundidade no lago e não boiando na superfície. Cameron engole em seco e seus ouvidos estouram imediatamente. Esqueça essa de ser atingido por um raio; ele vai ter descompressão e vai morrer neste barco, sentado e com um monte de bolhas de nitrogênio no sangue.

Vendo pelo lado bom, a situação inteira ia parecer mais doida que burra. Menos Prêmio Darwin, mais *Arquivo X*.

Distraído, ele não percebe a onda repentina que vem com tudo por cima do seu ombro esquerdo; ela ataca pelo costado, faz o barco sacudir ferozmente e Cameron se debate tentando se equilibrar antes de desabar na cabine, respingando água e resmungando. A água está congelante. *Hipotermia!*, pensa ele, e tenta abafar uma risadinha histérica. Tem alguma coisa nesta situação que não aponta para a morte? Suas mãos estão vermelhas e ardendo. Ele tenta fechá-las em punho e faz uma careta; dói, mas não tanto quanto deveria. Ele está começando a perder a sensibilidade nos dedos.

Erguendo o visor de volta, ele semicerra os olhos para enxergar a câmera de ação armada na proa, a lente salpicada de água do lago. Ainda está filmando? Ele ainda está *live*? Uma luz verde pisca de leve sob a proteção respingada. *Sim*. Por um instante, Cameron se permite ficar contente. Não só porque o sistema que ele projetou para as *lives* funcionou com perfeição, garantindo a conexão apesar da enorme interferência que a tempestade elétrica deve causar, mas porque saber que alguém pode estar assistindo faz com que ele se sinta menos sozinho. Não só isso. Ele ganha coragem. Propósito. Ele devia fazer uma narração para o público... mas, num momento que nem esse, o que se diz ao bando de estranhos à toa e à mãe não tão à toa que constituem sua base de assinantes?

Frente à câmera, ele faz um gesto para a paisagem com uma das mãos enquanto a outra segura a adriça.



— Então: encontrei a tempestade! — grita ele, e dentro da sua cabeça uma voz mordaz responde: *Não brinca, seu idiota. Tá todo mundo vendo.* Ele se encolhe. — Não sei direito há quanto tempo entrei nela, mas é que nem entrar numa máquina de lavar! E eu não sei mais onde está o horizonte, e eu não consigo... hã, quer dizer...

Seu gaguejar é afogado por uma imensa trovoadas e dois raios, um direto no seu campo de visão, que cauteriza suas retinas com a imagem residual, uma fenda azul profunda e entalhada que corta seu campo de visão ao meio. Cameron trava a boca. Não faz diferença. Todo mundo que está assistindo enxerga o que ele enxerga e vê que não há como descrever. Ele devia falar do que eles não conseguem ver. O que ele está pensando, o que ele está sentindo. É assim que se cria intimidade com a audiência, não é? O barco balança em fúria na atmosfera pesada e vazia. Cameron solta a corda, deixa a vela se agitar. Ele não vai conseguir sair dali. Não vai. Quando se dá conta disso, a calma que vem junto é estranha; seu destino está nas mãos de forças maiores que ele. A única coisa que pode fazer é torcer para que consiga chegar lá e, neste meio-tempo, tornar este momento significativo para aqueles que vão testemunhá-lo... ou não.

Cameron respira fundo. Ele devia dizer algo heroico. Épico. Alguma coisa que fale de coragem e que consolide como ele é demais, mas que seja poético a ponto de servir para sua lápide. Alguma coisa que soe muito legal ao sair da boca do ator que vai interpretá-lo quando produzir o filme sobre sua maior aventura.

*Ajude-me, Obi-Wan Kenobi.*

*Goonies nunca dizem morrer.*

*Eu sou só um garoto diante de uma embarcação, pedindo a ela que... o ame? QUAL É, CARA?, grita ele por dentro. Para de sacanagem e fala alguma coisa! Fala qualquer coisa!*

Cameron fica frente a frente com a câmera e berra aquelas que podem ser suas últimas palavras:

— Desculpa, mãe!

*Carvalho. É sério isso?!*

A câmera tem um pequeno atraso na transmissão; se tivesse mais tempo, ele podia esticar a mão, reiniciar e tentar de novo para pensar em alguma coisa, qualquer coisa que fosse um pouquinho menos imbecil que *Desculpa, mãe*. Mas não há tempo. Não haverá segundo take. Não haverá segunda chance. Os pelinhos do braço de Cameron se arrepiam e há um cheiro estranho no ar. É aí que tudo é rasgado por uma labareda de fogo. O mundo ao seu redor deixa de existir. Cameron está dentro do relâmpago e o relâmpago está dentro de Cameron. A eletricidade se agita na sua barriga e corre pelas suas veias; dispara pela sua pele e se alastra por toda a sua espinha; banha seu cérebro com um mar de luz infinita. Por um instante, ele se sente tão leve quanto a neblina que não consegue mais sentir na pele.

Então a luz dentro de Cameron morre, e ele ouve tudo de uma vez só: a trovoadas como um estrondo sônico. O estalo de calor quando sua pele se rasga. O som distante de alguém gritando, junto à percepção de que é ele próprio. O cheiro nauseabundo da própria pele queimando entope suas narinas e reveste sua língua; a dor é diferente de tudo que ele já sentiu. O único alívio é que não estará ali para sentir o resto. Seus olhos se reviram, ele desaba na cabine e tudo fica escuro.

# 2

## TRANCAFIADA

A JAULA SE fecha.

O pai a trancou.

Nos confins escuros e estreitos de sua prisão, Nia grita até não conseguir mais gritar.

Mas, mesmo quando sua voz se vai, a raiva continua lá. Crua, feroz e apavorante, mas também estimulante. Ela não acredita que tem tanto poder. Fica tão surpresa quanto o pai quando sua fúria se desata, rugindo como uma coisa feroz, selvagem e viva. Quem diria que tinha tudo aquilo dentro de si?

Não era sua intenção; ela apenas surtou. Tem acontecido muito e com frequência: a raiva se aviva dentro dela como um furacão, crescendo tão sorrateira que ela não sabe até que está *bem ali*.

Começou como uma conversa igual a qualquer outra, do tipo que eles tiveram um milhão de vezes. O pai havia deixado que ela escolhesse qualquer assunto para estudar naquela manhã e eles haviam passado o dia inteiro aprendendo sobre exploração espacial — começaram pelo lançamento do *Sputnik* em 1957 e encerraram com matérias recentes sobre bilionários entediados que gastavam pilhas de dinheiro para reservar assentos numa espaçonave que ainda nem tinha sido construída, com a

esperança de um dia serem os primeiros na fila para colonizar Marte. Foi só muito depois, quando o pai começou a fazer perguntas sobre o que ela havia aprendido naquele dia, que Nia percebeu que tinha escolhido o assunto por mais que mera curiosidade.

— E por que você diria que eles fazem isso, gastam tanto dinheiro em uma viagem que talvez nunca aconteça? — havia lhe perguntado o pai.

Anos antes, Nia teria sofrido para responder. Era o tipo de história que ela costumava achar confusa, pois era difícil entender a motivação dos envolvidos.

— Porque as pessoas estão sempre procurando maneiras de tornar seu mundo maior — disse ela. — É isso que nos motiva. Desafiar limites, quebrar barreiras e abrir portas fechadas para ver o que há do outro lado. A ânsia de ser livre, de explorar. É o que há de mais humano.

Neste momento o pai já ficou com um olhar estranho. A voz de Nia começou a ficar aguda e fervorosa, fora do normal; ela não tinha certeza do que ia dizer até as palavras já estarem de saída.

— Por favor, pai. Eu não quero mais joguinhos. Não é justo, não é certo. Todo dia eu aprendo que o mundo lá fora é grande e maravilhoso, mas parece que cada dia meu mundo fica menor. Eu estou ficando sufocada. Eu não posso mais viver assim!

Ela conseguia ouvir a lamúria na própria voz, via a reprovação se alastrar e anuviar o rosto dele, mas não conseguia parar. Nia estava falando sem parar; estava implorando. Não tinha que ser para sempre, insistiu ela. Não estava pedindo que fosse embora, só para sair um pouquinho. Como férias. Como uma excursão.

— O senhor podia passar o tempo todo de olho em mim. Eu ia me comportar, prometo... — argumentou, mas o pai nem deixou que ela terminasse.

— Eu sei que você acha que se comportaria — disse ele. — Acredito inclusive que você daria tudo de si. Eu me sinto animado ao ver que você é igual a todas as meninas. Cheia de emoções. É o modo como você expressa essas emoções que me preocupa. Sua raiva é... perigosa.

— Mas se eu sou igual às outras meninas...

— Você sabe que não é. — Ela conseguia ouvir na voz que o pai estava ficando impaciente. — É por isso que não posso me arriscar com esse experimento. Se você perder o controle, se der um passo em falso... mesmo que seja só um, por um instante que seja... pode nos custar tudo.

— Eu não daria!

— Mas eu ainda tenho dúvidas. Não vou fazer nenhum teste com você até ter certeza de que vai passar. E eu ainda não tenho certeza, Nia. Não tenho.

— Quando vai ter?

— Em breve — disse ele, mas seus olhos saltaram para longe, evasivos. E ela berrou indignada:

— O senhor sempre diz em breve! Quando o em breve vai ser, agora?!

Ele suspirou. Se Nia não estivesse tão indignada, sentiria pena do cansaço que percebeu na voz dele... e teria se perguntado por que, por trás da exaustão, havia também um forte tom de medo.

— Por favor, acredita em mim. Eu entendo. É tudo perfeitamente natural. Sua curiosidade e suas... ânsias. Um dia você vai estar pronta para esse mundo e ele, para você. Mas esse dia ainda não chegou. Você tem que confiar em mim.

Foi então que Nia explodiu. Ela colocou a mão no tabuleiro de xadrez e varreu todas as pecinhas, espalhando o jogo, arruinando-o, sem dar bola para o olhar de consternação que brotava no rosto do pai. Ela quis magoá-lo. Ela quis destruir a sala de aula inteira — e conseguiu, rasgando uma semana inteira de projetos, destruindo tudo que conseguia tocar. De início ele ignorou os apelos e os gritos; depois parou de ouvi-los por completo. Sua lembrança dos momentos seguintes é como um buraco negro, como se a ira a transportasse para um lugar distante, longe de si. O que ela fez, o que ela disse... Ela tenta lembrar e só encontra um espaço em branco. Não sabe quanto tempo sua birra prosseguiu antes de se virar e encará-lo, triunfante com sua fúria.

Foi aí que ele a empurrou.

Disso ela se lembra. Mesmo no auge de sua raiva, ela não era páreo para ele. Ele a conduziu para fora da sala de aula, corredor afora, até o

quartinho cinzento que só tem uma janela e uma porta. Ele não disse uma só palavra ao bater a porta e trancar, deixando-a lá dentro.

Ela sabe que vai levar muito tempo até que ele a deixe sair. Um tempo longo e solitário. Este quartinho onde ela passou tantas noites inquietas parece ainda mais uma prisão quando o pai a deixa de castigo. Não é só apertado e tedioso; o sinal não chega ali, é uma zona totalmente desconectada. Seus amigos, sua vida... dali ela não tinha como chegar a eles e eles não tinham como chegar a ela. Nia nunca se sentiu tão só.

Ela costumava testar as paredes, torcendo para que pudesse derrubá-las. Agora, às vezes, ela se joga nas paredes — não porque faz alguma diferença, mas porque continua irritada e é bom extravasar. Ela queria se chocar com uma delas a ponto de machucar, de doer, de sangrar. Assim quem sabe ele cedesse, quem sabe enfim enxergasse. Quem sabe assim ele entendesse que ela está definhando. Nia tem 17 anos. Ela viu as reportagens, ela sabe que há meninas da sua idade que se machucam para chamar atenção. Às vezes até morrem. Engraçado: o pai nunca lhe perguntou por que ela acha que essas meninas se machucam, nunca pediu que imaginassem como se sentem. Talvez porque ele não queira que ela pense no assunto. Talvez ele tenha medo do que ela possa descobrir. Do que ela possa cometer.

Claro que ela não faria uma coisa dessas. Detonar a própria cabeça no concreto, debater-se até a pele se romper, até os ossos quebrarem, até o sangue se esvaír, grosso, quente e vermelho.

*Eu não sou esse tipo de garota*, pensa ela, e as palavras são tingidas de amargura. É a verdade, mas ultimamente Nia vem pensando cada vez mais se ela se encaixa em algum tipo de garota. Porque, para ser um tipo, é preciso haver mais de uma pessoa que nem você, e parece que ninguém mais é — independentemente do que o pai diga. Mesmo que Nia tenha as mesmas emoções ou lide com as mesmas frustrações, todas as outras meninas, todos os seus amigos, são livres de um modo que ela não é — um modo que ela só pode imaginar. E sua vida, uma vida passada trancada, seria tão incompreensível para elas quanto a delas é para ela. As únicas meninas que têm vidas iguais à dela são aquelas sobre as

quais ela costumava ler nos contos de fadas. É esse tipo de garota que ela é? A princesa trancafiada para sempre numa torre de pedra, no alto de um mundo que ela consegue ver ao longe, mas que nunca tocará?

Mas, se é isso que ela é, então quem sabe um dia ela vá ser outro tipo de garota. Se tem uma coisa que Nia aprendeu com contos de fada é que não existe prisão indestrutível. As meninas que são trancafiadas do mundo ainda encontram uma maneira de se libertar... ou alguém que as liberte.

*Alguém*, pensa ela, e de repente sua raiva se vai. No seu lugar fica uma emoção sem nome, a sensação de que tem algo importante acontecendo — ou já aconteceu. Algo que ela quase não notou.

Tem alguma coisa cutucando as lembranças de Nia. Um vislumbre minúsculo, tentador, espiando das profundezas daqueles instantes escuros e vazios depois que ela perdeu o controle e espalhou as peças de xadrez, antes de o pai a segurar e a encarcerar. Ela quase consegue chegar lá, quando a serenidade toma conta de seu corpo.

Quase.

Quase lá.

*Ali.*

— Nia?

Ela olha para cima. O pai está na janela. Desta vez ela não está com medo nem preocupada. Ela sabe que ele não pode ler seus pensamentos. E sabe de outra coisa. De uma coisa que ele não sabe.

— Vamos conversar sobre o que você vem sentindo. Eu vou abrir a porta. Está pronta para se controlar? Promete que vai se comportar?

— Sim, pai. Desculpa. Eu estou pronta.

Ele sorri.

Ela também.

A sensação, a falsidade, deixa-a um pouco enjoada. É a primeira vez que ela mente para ele. E, mesmo que saiba que precisa, mesmo que mentir seja sua única chance de liberdade, ainda assim parece estranho e errado.

*Agora, finge que está feliz*, pensa Nia. *Faz sua cara mais feliz.*

# 3

## À DERIVA

AINDA CEDO NA manhã daquele domingo, horas antes da tempestade elétrica bizarra no lago Erie que o transformará em celebridade internacional, Cameron Ackerson está no seu quarto da Walker Row, 32, pensando nos planos para o dia. Ele encara o olho verde brilhante da câmera, toma um gole do refrigerante de morango e diz:

— Triângulo das Bermudas, o cacete. O maior mistério marítimo fica bem aqui no meu quintal.

Ele faz uma breve pausa e toma mais um gole da garrafinha, depois complementa:

— Opa! “Maior mistério marítimo”. Eu sou um poeta e eu já sabia disso, meus consagrados. As minhas aliteraões saem com naturalidade! Eu sou... há. Eu sou...

*Ai, meu Deus, eu sou péssimo. Quem sou eu? O Babaca-Rei da Montanha dos Patetas, é isso que eu sou.*

Ele inspira fundo.

— Ok, esse take ficou imbecil. Muito imbecil. Eu tô falando que nem um debiloide. Eu vou... Eu vou deletar. Á-rá. Deleta, deleta, deleta, deleta.



Enquanto ele ataca o teclado com fúria para apagar o vídeo, outra figura surge no quadro. Sua mãe, com os cabelos pretos enrolados em bobes e uma cesta de roupa suja na mão, acenando da porta.

— Ah, querido. Não apaga. Eu achei tão fofo o “rimo com meu tino”!

Cameron revira os olhos. Mesmo que não seja mais criança (como já a lembrou um milhão de vezes), tem coisas que não mudam, incluindo o fato de sua mãe ser o melhor alarme para as humilhações autoinduzidas. Se ela achou fofo, *tem* que ser cortado. Ele respira fundo e recomeça a gravação.

— Ei, pessoal, aqui é o Cameron. E eu vim com uma pequena aula de história sobre o mistério marítimo mais legal do qual vocês nunca ouviram falar. Triângulo das Bermudas? Que nada. O lago Erie.

Pronto. Agora ficou bom. Putz, ficou melhor que bom, ficou excele...

— Cameron? Meu bem? — Sua mãe voltou ao quadro e voltou a acenar da porta. — Você não devia falar “marítimo”. Isso só vale quando se fala do oceano, e o lago Erie, como você sabe, não é...

— Mãe! Pelo amor de Deus, dá pra parar?

— Hihihhi! Desculpa! — Ela fica dando risadinhas, dá um aceno bem canastrão para a câmera e some no corredor.

O rosto de Cameron no monitor fica cor de beterraba de tanta vergonha. Ele queria deletar esse take também, mas tem noção de que ficou até meio engraçado, o que só piora as coisas. Sua mãe sempre faz dessas: um *moonwalking* no fundo de uma *live*, de roupão e com o cabelo totalmente bagunçado, ou passa segurando uma plaquinha com DIGAM PRO MEU FILHO ARRUMAR O QUARTO escrito, como se ele estivesse no quinto ano e não prestes a terminar o ensino médio. Aquela mulher não tem vergonha na cara... e, para ser sincero, ele sempre tem um retorno melhor de visualizações e assinantes quando ela aparece e faz alguma coisa bizarra. Mas, meu deus do céu, é bom que ela não saiba disso. Quem sabe o que ela faria se soubesse? Provavelmente ia aparecer pelada no fundo. E, se ele berrasse com ela, ela ia dizer: “Mas eu quero mostrar que eu te apoio!” E o pior é que ela estava falando sério. A mamãe era dessas que vivia querendo mostrar que o apoiava. Quando ele era criança, era

ela que ficava na lateral do campo de futebol nos jogos com uma placa escrita à mão e uma camisa customizada que dizia FÁ Nº 1 DO CAMERON. Se Cameron falasse que se interessava pelo que quer que fosse — piratas, mágica, vida em Marte —, ela ia lá e comprava um monte de livros sobre o assunto e lia para ele na hora de dormir, toda noite, até ele resolver que queria aprender outra coisa. E isso foi antes de tudo acontecer, quando o papai ainda estava por lá. Agora parece que ela quer mostrar o apoio por pai e mãe, como se, caso ela dispense energia suficiente para animar Cameron, ele não vá notar o vazio enorme onde devia estar seu pai. Claro que o efeito é completamente oposto. Mas ele preferia morrer a lhe dizer qualquer coisa. Assim como preferia morrer a envergonhá-lo diante da câmara só para ganhar mais uns cliques.

Ele acaba com a garrafa de refri, dá um arrotto discreto e soca o botão de gravar de novo.

— No último ano, os informes sobre fenômenos elétricos inexplicados nessa região do lago aumentaram dez vezes. — Ele bate no teclado e, na tela, seu rosto é substituído por um gráfico que tinha montado: uma imagem de satélite do lago Erie, a área de que está falando iluminada por um círculo crescente que pulsa com energia elétrica. — São rumores? Lendas urbanas? Ou algo de estranho que acontece nesse mar interno? — O gráfico encolhe até o canto da tela; o rosto de Cameron ressurgiu. — Hoje eu vou embarcar no *Peixe-lua* com toda a minha parafernália e vou ver o que descobro. Vou subir o vídeo com destaques da minha viagem... a não ser que eu desapareça. Haha! Enfim, se você quiser me acompanhar em tempo real, a *live* começa ao meio-dia, fuso da Costa Leste. *Ahoy!*

Atrás de Cameron, alguém com uma voz grave ri e diz:

— “*Ahoy*”? Ih, cara. Cheguei na hora. Cara, eu não queria ter que te dizer isso, mas o cara tem que ter idade pra ter uma barba antes de falar que nem um pirata.

Cameron se vira. Onde um minuto antes estava sua mãe agora está um ser humano que tem três vezes o tamanho dela, com mais de um metro e oitenta e ombros tão largos que são quase da largura da porta.

— E aí, Juaquo. Não sabia que você tava aí — diz Cameron, sem saber o que falar em seguida. O silêncio se estende o bastante para ficar desconfortável, até que Juaquo se apoia no outro pé, dá de ombros e diz:

— Sua mãe disse para eu passar aqui na volta do serviço. Ela fez aquele troço de berinjela. Você sabe.

— Involtni?

— Isso aí. Bem bom.

Cameron só faz que sim com a cabeça, e o silêncio desconfortável recai de novo, desta vez mais pesado que antes. A verdade não dita para no ar: a mamãe faz comida para seu melhor amigo porque Juaquo não tem mãe. Não mais.

Antes de ela falecer, os quatro eram como uma família. Raquelle Ackerson e Milana Velasquez eram as melhores amigas uma da outra desde o ensino médio, e a conclusão inevitável era que seus filhos também seriam os melhores amigos um do outro. E foram, embora Juaquo, que é dois anos mais velho, vez por outra testasse os limites da amizade sentando na cabeça de Cameron e o obrigando a comer insetos. Mas ele também era o aliado mais fervoroso de Cameron, o irmão mais velho extraoficial que o defendia toda vez que uma criança maior tentava comprar briga, que lhe ensinava os melhores xingamentos e que dormiu lá todo fim de semana durante três meses depois que o pai de Cameron sumiu, sem reclamar nem tirar sarro quando Cameron acordava chorando.

E, então, seis meses atrás, tudo virou do avesso. A mãe de Juaquo teve câncer, daquele tipo que só parece uma gripe séria até que de repente só resta dizer adeus. No dia em que Juaquo largou a faculdade e pegou um avião para vir cuidar de Milana, Cameron resolveu que era sua vez. De tomar a frente, de segurar a mão do amigo, de deixá-lo chorar o quanto quisesse. Ele ia ficar do lado de Juaquo assim como Juaquo havia ficado do seu.

Mas não era o que Juaquo queria. Ele ficou estático quando Cameron o abraçou, retraindo-se em vez de se abrir. Cameron, com medo de dar um passo em falso, parou de insistir que ele falasse do assunto. Ele diz para si mesmo que não é covardia, que, ao dar espaço para o amigo, está

fazendo um favor; ele diz para si mesmo que a mamãe é melhor com essas coisas de sentimentos. Às vezes ele acha que isso nem mesmo tem a ver com Milana, que talvez essa ruptura sempre estivesse para acontecer. Ele e Juaquo cresceram e viraram pessoas diferentes. Talvez cada um esteja numa rota distinta. Daqui a um mês, Cameron vai se formar; daqui a mais três, ele vai se mudar para estudar engenharia na Estadual de Ohio enquanto Juaquo vai... bom, vai seguir fazendo o que tem feito.

Cameron pigarreia.

— Então você segue trabalhando na ferrovia?

Juaquo faz que sim.

— Você, há, gosta? — pergunta Cameron, e Juaquo lhe dá um olhar fulminante.

— Á-rã, é muito massa. Bem mais legal que a faculdade. Em vez de correr atrás do diploma e ficar de farra com as gatinhas da Califórnia, eu passo nove horas por dia ligando uma maria-fumaça em outras mariais-fumaça com um grande elenco de cuzões idiotas que acham que eu me chamo Guano.

Cameron olha para o tapete.

— Eu sinto muito.

— Pois é — diz Juaquo. Ele acena para o equipamento de Cameron. — Então você segue insistindo nesse esquema do YouTube, é? Vai tirar aquela grana preta de *influencer*, tipo o Archer Philips?

Cameron se eriça. *Archer Philips, o caramba*. Ele não consegue nem acreditar que Juaquo fez a comparação. Só de pensar no babaca, o estômago de Cameron fica embrulhado de nojo, ressentimento, e, sim, tudo bem, inveja. Ele está errado? Archer é imbecil, mal-intencionado, louco por atenção e seu último vídeo tem mais visualizações que todos de Cameron em várias ordens de magnitude. É de enfurecer. Principalmente porque o material de Cameron é melhor, pelo menos nos aspectos que fazem a diferença: originalidade, produção e narrativa. Sua tecnologia também é bem melhor, desde o sistema de navegação por realidade aumentada até a grua de estabilização que corre pelo mastro do barco. Mesmo que tudo pife vez ou outra, é melhor que Philips e aquela GoPro

do cacete: ele consegue panorâmicas épicas sem aquele amadorismo da câmera tremida. Mas, ainda assim, Cameron segue definhando no limbo obscuro da internet enquanto seu colega de turma mais burro empilha centenas de milhares de visualizações e grana do patrocinador toda vez que come ração de cachorro na frente da câmera.

Mas as coisas vão mudar. Têm que mudar. Cameron diz para si mesmo que o público merece conteúdo melhor. O público só *acha* que quer assistir a um cara que enfia salsichinhas no ouvido da avó dormindo, ou que faz cocô pelo teto solar da limusine na acompanhante do baile (e depois, em outro vídeo, conta vantagem porque seus pais tiveram que pagar a todos os envolvidos para não entrar com um processo, o que é outro nível de repugnância e de injustiça). E é Cameron quem vai entregar isso ao público. Quem sabe hoje. O novo vídeo vai ser especial. Ele sente que vai. Os segredos insondados do lago Erie, com os naufrágios misteriosos, os pilotos desaparecidos, as tempestades elétricas inexplicáveis... é ele quem vai desvendar tudo, e a história que ele contar vai deixar o mundo fascinado.

— Eu não tenho nada a ver com aquele cuzão — retruca Cameron, voltando para o teclado. — Qualquer um pode cagar pelo teto solar, meu. O que eu faço é, tipo, jornalismo aventureiro investigativo.

— Se você diz. — Juaquo dá de ombros e se vira para ir embora. — Pra mim é tudo a mesma coisa.

Cameron espera até Juaquo ir embora antes de descer a escada, onde sua mãe lhe passa um sanduíche de ovo deslizando-o pelo tampo do balcão da cozinha.

— Viu o Juaquo?

Cameron dá uma mordida antes de responder, que é uma boa maneira de não ter que responder.

— Hmmf.

— Acho que ele teve que ir embora. Queria que ele fosse falar com alguém, uma terapeuta... sei lá, alguém. Acho que ele não está sabendo lidar, sozinho naquela casa.

Cameron enche a boca de mais sanduíche.

— Hmm. Á-rã.

Sua mãe dá um suspiro.

— Olha, eu esperava que vocês passassem mais tempo juntos nesse verão. Eu sei que você tem os seus projetos e os seus trabalhos, mas... Ei, e se vocês fossem juntos no lago um dia desses? Vocês adoravam sair juntos naquele barquinho.

Ele engole em seco.

— Esse diminutivo é o mais importante nessa frase, mãe. O Juaquo é do tamanho de um zagueiro da NFL, e eu não sou minúsculo. Mal tem espaço pra mim e pro meu equipamento.

Sua mãe parece um pouco sobressaltada, mas sorri.

— É verdade. Acho que vocês me parecem bebês. Ainda assim queria que você fosse com alguém...

— Bom, eu não — retruca Cameron, impaciente. — Além disso, eu gosto de ficar sozinho.

— O seu pai falava a mesma coisa — diz a mãe. Ela não está mais sorrindo.

Cameron não deixa de notar que está seguindo os passos do pai toda vez que vai para o lago. Ele caminha pela rua com as fileiras de casinhas atarracadas de tijolo aparente, os quintais separados por cercas de arame onde roseiras desgrenhadas em fim de estação se agarram à vida por pura teimosia. Ele passa pela igreja detonada na esquina, onde pombos fizeram sua segunda congregação através de um buraco no telhado. O horizonte de prédios do centro brilha nebulosamente no retrovisor enquanto ele dirige; nos limites da cidade, um outdoor eletrônico pisca com um anúncio da programação de outono do I-X Center e depois os serviços de um advogado especializado em acidentes de trabalho. A paisagem esmaece quando ele se aproxima do rio, onde as suntuosas casas de pedra que já abrigaram famílias de magnatas e capitães da indústria estão cobertas de trepadeiras, apartadas por um mar tremulante de vidro amarelado, deixadas à ruína. Quer dizer, pelo menos a maioria. Quando Cameron

faz a curva, um velho de cabelo desgrenhado, sentado no alpendre que contorna uma mansão decrepita, vira a cabeça e o observa passar. Mesmo a salvo no seu carro, Cameron, por reflexo, olha para a frente e evita contato visual. Ele nunca chegou a interagir com o homem que todo mundo chama de Barry Biruta. Cameron já ouviu um milhão de histórias a respeito da figura, mas todas têm o distinto aroma de balela. Dependendo de quem conta, Barry é um bilionário excêntrico, um vampiro imortal ou o Assassino do Zodíaco. Quem sabe os três. Ele é o informante do FBI que fugiu da máfia ou o cientista louco que fugiu do FBI. É um tarado tão infame que não pode chegar a menos de quinhentos metros de crianças, nem de gatos, nem de restaurantes cujo cardápio tenha sopa. Sinceramente, ele não acredita em nada que ouviu falar sobre Barry e tem seus motivos para não ficar à vontade perto do velho.

Até onde a polícia sabe, Barry Biruta foi a última pessoa que viu William Ackerson antes de ele sumir.

O pai de Cameron teria feito a mesma rota até as docas dez anos antes, de manhã cedo, assim que o sol havia começado a nascer. Não teria muita gente acordada para vê-lo passar, fora o Barry; quando a polícia bateu à porta do velho no dia seguinte, ele contou que sim, que tinha avistado a picape de William quando passou pela casa dele, fazendo barulho, e dobrou à direita, seguindo para o lago. Não, ele não achava que tinha visto outra pessoa na picape além do motorista. Não, ele não havia visto nem ouvido nada incomum naquele dia.

Barry só confirmou o que os policiais já sabiam: que o pai de Cameron havia dirigido até o cais pela rota de sempre, estacionado no lugar de sempre, que tinha desatracado o barco de sua rampa de sempre e embarcado, como tinha dito à esposa, em um dia inteiro de pesca solitária. Dependendo da pessoa para quem se perguntasse, isto foi ou um plano muito astuto ou um azar terrível: quando a mãe de Cameron ficou preocupada a ponto de ligar para a polícia e informar o desaparecimento do marido, fazia quase dezoito horas que ninguém o via. Levaria mais seis até haver luz para as buscas começarem pra valer. Ninguém quis dizer na época, mas as chances de encontrar William Ackerson vivo eram mínimas.

Só que, no caso, não encontraram nada.

À deriva no mar: é assim que Cameron sempre descreve o que houve na sua mente, mesmo que o lago não seja o oceano e embora houvesse sinais sugestivos de que o pai havia planejado mais que uma pescaria: faltava uma bolsa de roupas e ele tinha zerado uma poupança secreta. Ele ouvia o que cochichavam. Ele conhecia a história. William Ackerson já havia sido um homem que sonhava grande e tinha potencial ainda maior: um pioneiro da selva indomável que foram os primórdios da internet. Um dos primeiros a chegar lá, o artífice de um empreendimento digital chamado Whiz. No início, era um projeto de garagem — só William e o sócio, um barbudo quatro-olhos que havia largado o MIT chamado Wesley Park —, mas, no ano 2000, a coisa tinha virado uma utopia de cibercidadãos ávidos, todos eles entrando de olhos arregalados no novo e glorioso mundo *on-line*, onde tudo era novo e reluzente e cheio de potencial a se explorar. Os investidores faziam fila para lhes dar dinheiro, e a Whiz superou toda empresa local até se tornar o maior empregador da cidade. Nem a saída de Park, depois de rumores de uma desavença por conta da patente de um software, podia tirar William Ackerson de sua posição no alto do império.

Não foi isso, mas, sim, o estouro abrupto da bolha ponto com que acabou com ele, fazendo William se afundar em dívidas e na obscuridade no mesmo ano em que seu único filho chegou ao mundo. Cameron era muito novo para se lembrar do pior, das ligações insistentes de credores furiosos e da mudança apressada de um arborizado refúgio suburbano para a residência apertada e decadente da Walker Row. E, claro, ele não estava lá para ver o pior. Ele nunca conheceu o pai como algo além do homem que havia perdido tudo e cuja amargura era superada apenas pelo desespero de conseguir seu espaço de volta a todo custo.

Foi aí que começaram os cochichos — que o ex-titã da Whiz havia se afundado na zona suja da web. Identidades falsas, golpes com cartão de crédito, apostas, até chantagens: as notícias que Cameron encontrava nunca diziam tudo isso, mas ele conseguia ler nas entrelinhas. Um blogueiro local chegou a circular a teoria de que William Ackerson tinha



se juntado com gente errada e havia sido assassinado e largado na parte mais funda do lago pela máfia porque sabia demais de... bom, de alguma coisa. Mamãe riu na sua cara quando Cameron lhe perguntou sobre essa teoria, um brado áspero sem nenhum pingão de humor.

— Me desculpa, meu bem — tinha dito ela. — Para ser sincera, seria até mais fácil se fosse uma coisa assim e a gente tivesse quem culpar. Mas a verdade é que fazia anos que o seu pai queria largar tudo. Ele não sabia lidar com o que tinha acontecido... ele não conseguia encontrar um jeito de ser feliz com o que tinha porque não era o que ele queria. Ele sempre falava em ir embora. Eu fui boba de achar que era só papo, de achar que ele nunca faria isso.

Podia fazer sentido para a mamãe, mas não fazia para Cameron. Se papai havia mesmo ido embora de propósito, para onde teria ido? O barco nunca foi encontrado; seu corpo também não. Nunca aconteceu de alguém usar seu cadastro de pessoa física para conseguir um emprego ou um cartão de crédito; ninguém que tivesse uma cara parecida com a sua havia sido captado por câmeras, correndo por uma rodoviária ou passando pela segurança num aeroporto em busca de uma nova vida. Não havia nada no seu histórico de internet — nenhuma busca reveladora como “recomeçar no México” ou “como fingir a própria morte”. E ninguém, nem seus pais, nem a ex-namorada, nem os colegas de bar nem seu antigo colaborador, Wesley Park, voltaram a ouvir falar dele. Nem um e-mail, nem um cartão-postal, nem mesmo um pedido de amizade usando um pseudônimo no Facebook.

E não era assim que essas coisas funcionavam. Era? Se seu pai ainda estivesse por aí, vivendo uma vida nova sabe-se lá onde, haveria algum rastro — pegadas digitais, do tipo que nem um gênio da tecnologia como William Ackerson conseguiria apagar de vez. Você não tem como se esconder da internet. As pessoas não somem de uma hora para a outra. Alguma coisa estranha devia ter acontecido, alguma coisa lá no lago.

*Não que faça diferença, pensa Cameron, com uma agressividade que não sente de verdade. Se eu chegar à verdade do que aconteceu com o papai ao mesmo tempo que ficar famoso, vai ser só um bônus. Um extra. Ele nem se*

importaria, fora o fato de que a história ficaria melhor. As pessoas adoram quando você transforma numa coisa pessoal, quando existe um trauma do passado em jogo. É o único motivo pelo qual ele tem pensado nisso. Quem sabe até intercale sua próxima recapitulação com cenas antigas do pai, só para mexer com o coração da audiência.

Ele equipa o *Peixe-lua* e empurra o barco, um vento suave mas constante enfunando a vela conforme a cidade vai sumindo lá atrás. Ele baixa o visor de navegação e fecha a cara; o painel digital garante que não há nada de incomum pela frente, fora céu aberto e correntes comuns, nada de anormal, e sua *live* está ligada, mas a contagem de público se mantém obstinadamente no zero. Não, espera. Um. Um espectador. Sua mãe, provavelmente. Pelo menos fez um dia bonito para passear no lago. Ele dá uma saudação confiante para a câmera montada na proa, depois usa a câmera extra no mastro para acompanhar uma gaivota singrando o céu.

— *Ahoy!* — diz ele. — Bom, aqui estamos. Eu vim para o lago Erie em busca de encrenca e até agora só achei essa gaivota. Mas continua assistindo! Tudo pode acontecer. Quem sabe ela caga na minha cabeça.

*Meu Deus, espero que ela não cague na minha cabeça.*

Então ele se lembra do número de visualizações no último vídeo de Archer Philips e pensa: *Tá bom, espero que cague.*

Ele não percebe que tudo está prestes a mudar.

Ele não percebe que tudo já mudou.

Cameron Ackerson — o pirata aventureiro dos Grandes Lagos, o metido a youtuber e, acima de tudo, o ser humano comum — está prestes a viver o último dia normal de sua vida.